

Repressão e resistência no Rio de Janeiro

N anovademocracia.com.br/materias-impresas/repressao-e-resistencia-no-rio-de-janeiro

Manifestacao 22 de julho Rio de Janeiro

No último mês, as manifestações de rechaço à velha ordem seguiram ocupando as ruas do Rio de Janeiro e as pautas do dia dos gerentes de turno do velho Estado. Desesperados, Paes e Cabral articulam, incansavelmente, estratégias para driblar a fúria das massas, que não perde o alvo.

No dia 11 de julho, milhares tomaram as ruas do Centro da cidade num combativo protesto, apesar da atuação traiçoeira de centrais pelegas e siglas oportunistas do partido único.

A princípio convocado como um dia de greve geral, diante da adesão mínima dos trabalhadores em todo o Brasil, os oportunistas rebatizaram seu ato fracassado como “dia nacional de lutas”. Porém, nenhuma luta em prol dos trabalhadores foi protagonizada por eles. No Rio de Janeiro, entretanto, a maioria dos manifestantes era de grupos independentes, que mantiveram o caráter popular e combativo da manifestação, ignorando a pantomima oportunista, que realizou todo tipo de manobra para conduzir o ato, inclusive pretendendo encerrá-lo antes da hora marcada.

Fazendo um triste papel policial, militantes do Pecedobê passaram a caçar e denunciar manifestantes que usavam máscaras ou que eram identificados com alas mais combativas. Não se contentando com isso, seus bate-paus ainda agrediram fisicamente alguns manifestantes.

Molotovs atingiram o cordão de isolamento da PM no ato do dia 22 de julho.
Os manifestantes acusam P2 pelo lançamento do artefato

Em um determinado momento do ato, policiais disfarçados apareceram com um repórter da Rede Globo — que coincidência! — fotografando o que seria uma caixa de coquetéis molotovs. Os policiais infiltrados, então, tentaram destruir as garrafas, que se quebraram e derramaram um líquido que, surpreendentemente, não era inflamável. Na mesma hora, manifestantes começaram a gritar: “Forjado, forjado!” e “Fora P2!”.

A partir daí, os ânimos se exaltaram e um grupo de PMs que tentou intervir foi duramente rechaçado. Durante o confronto, pedras foram atiradas por manifestantes em resposta às bombas de gás lacrimogêneo e tiros de bala de borracha. O protesto foi dispersado pela tropa de choque e manifestantes passaram a se reorganizar no Largo do Machado, na zona Sul do Rio.

Mesmo com um aparato de centenas de policiais protegendo o Palácio Guanabara — sede do gerenciamento estadual — manifestantes tentaram se aproximar do prédio. A PM novamente lançou bombas de gás e atirou balar de borracha contra a massa, que respondeu com rojões e pedras. Muitos manifestantes recuaram para uma rua próxima, mas não se intimidaram e, com escudos artesanais, feitos com compensados de madeira, resistiram à ofensiva das tropas de repressão. Assustado, um oficial da PM gritava ao lado de nossa equipe de reportagem “Recua Coronel! Recua Coronel!”.

Policiais fazem cordão de isolamento no Palácio Guanabara

Mesmo após a violenta investida da tropa de choque, manifestantes se reagruparam e voltaram a protestar em frente ao Palácio Guanabara. Foi quando, repentinamente, policiais começaram a atirar jatos de água e bombas de gás lacrimogêneo contra os manifestantes. Nossa equipe de reportagem se manteve registrando imagens junto a um grupo de jornalistas, cinegrafistas e fotógrafos. Sem mais nem menos, PMs iniciaram um ataque ao nosso grupo. Isolados e sem opções de evasão, os profissionais levantaram as mão e começaram a gritar: “Imprensa! Imprensa!”. Mesmo assim, policiais atacaram os profissionais com bombas de efeito moral. Duas delas acertaram em cheio um de nossos jornalistas — o cinegrafista Patrick Granja. No fim das contas, ele foi para casa com um corte de seis centímetros na panturrilha, ferimento que precisou de oito pontos para ser suturado.

Leblon em chamas

Menos de uma semana depois, no dia 18 de julho, cerca de mil pessoas protestaram no acesso à rua onde mora o governador Sérgio Cabral, no Leblon, um dos bairros mais caros do mundo, na zona Sul da cidade. Após a concentração, a manifestação caminhou por várias ruas do bairro. Num determinado momento, já tarde da noite, ao se aproximarem da PM, manifestantes forçaram passagem em direção à residência do gerente estadual e foram repelidos com bombas de gás lacrimogêneo e tiros de bala de borracha. Teve início um renhido confronto. Paus, pedras e bombas caseiras foram lançados contra a repressão.

Em justa rebelião, diversas barricadas foram erguidas e incendiadas pelas ruas, vidraças de bancos e lojas foram destruídas pela fúria das massas e, no dia seguinte, o monopólio dos meios de comunicação já anunciava que “vândalos haviam destruído o Leblon”. Nas redes sociais na internet, milhares de postagens comparavam a importância dada pelo Estado fascista à destruição de estabelecimentos nos bairros nobres, em detrimento do extermínio e desaparecimento de trabalhadores na favela da Rocinha.

Confronto na visita do papa

Dando prosseguimento à jornada de lutas, no dia 22 de julho uma nova manifestação teve concentração no Largo do Machado e caminhou em direção ao Palácio Guanabara, nas Laranjeiras, onde, em seu primeiro dia de visita ao Rio de Janeiro, o papa Francisco se encontraria com Dilma Rousseff, Sérgio Cabral e outros inimigos do povo.

Os manifestantes estavam em frente ao bloqueio da tropa de choque quando as luzes da rua se apagaram algumas vezes, criando um clima tenso. Em seguida, teve início um confronto e pelo menos dois coquetéis molotov acertaram policiais. Centenas de pessoas saíram correndo pelas ruas adjacentes de Laranjeiras e do Largo do Machado. “Caveirão”, motos e carros do Choque iniciaram uma verdadeira caçada pelas ruas. O membro de nossa equipe, Rafael Gomes Penelas, foi encurralado e atingido por quatro tiros de bala de borracha. Outras pessoas também ficaram feridas, como o enfermeiro e colaborador de **AND**, Rafael Caruso (ver artigo nesta edição do jornal).

Espalharam-se comentários e imagens afirmando que os coquetéis molotov foram lançados por policiais disfarçados para justificar a repressão aos manifestantes. O que ficou comprovado, entretanto, é que várias prisões arbitrárias foram feitas pela polícia, que acusou manifestantes de portarem explosivos, sendo mais de uma vez desmentida por imagens feitas pela imprensa popular e pelos próprios manifestantes.

O jovem estudante Bruno Ferreira Teles, 22 anos, foi agredido e atingido por uma arma de choque *taser* quando já estava imobilizado no chão, ou seja, de forma extremamente covarde. Ele foi acusado de “portar explosivo”, mas diversos vídeos foram postados na internet comprovando sua inocência, o que foi admitido pelo próprio monopólio da imprensa nos dias seguintes, desmoralizando a versão mentirosa da PM.

Dois jornalistas independentes da Mídia Ninja também foram detidos e levados para a 9ª DP. Na delegacia, a polícia não soube explicar ao certo o motivo das prisões. Eles foram liberados e afirmaram que foram presos simplesmente por estarem filmando a manifestação.

“Missa” pelos manequins da Toulon

No dia 25 de julho, centenas de pessoas voltaram às proximidades da rua onde mora Sérgio Cabral na “Missa de sétimo dia pelos manequins da Toulon”, que foram usados nas barricadas na manifestação do dia 18 de julho. Nas redes sociais, milhares de pessoas ironizaram a ‘choradeira’ que o monopólio da imprensa fez em relação a tais manequins, enquanto o povo estava sendo brutalmente atacado pelas forças de repressão do velho Estado nas manifestações e nas favelas do Rio de Janeiro, como no Complexo da Maré.

E nas ruas, o povo agregou uma nova e contundente bandeira, a do paradeiro do operário Amarildo (ver matéria na página 2), que representa também todos os mortos e desaparecidos por obra da Polícia Militar fluminense, a verdadeira vândala das

manifestações.